

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"ENTRE A APOCALÍPTICA E A GNOSE: A LEITURA DO
CRISTIANISMO PRIMITIVO EM NAG HAMMADI"**

UERJ - IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DA ANTIGÜIDADE / V JORNADA
DE HISTÓRIA ANTIGA, 24-28 DE MAIO 2004

"RELIGIÃO, MAGIA E PODER NO MUNDO ANTIGO"

Julio César Chaves

Bacharel em História / UnB

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

No Alto Egito, na região conhecida como Nag Hammadi, foram descobertos na década de 40 alguns textos de cunho religioso e espiritual. Estes textos são hoje de certa forma relacionados a uma seita cristã primitiva, conhecida como gnosticismo, que existiu em diversas localidades do Mediterrâneo. Tais textos sugerem que além da gnose - uma espécie de conhecimento esotérico da divindade - esta seita cultivava a apocalíptica. Esta comunicação trata, portanto, das condições de consumo destes textos gnósticos e apocalípticos, vinculados a existência desta seita, caracterizada hoje como heresia.



Entre a apocalíptica e a gnose: a leitura do cristianismo primitivo em Nag Hammadi

No ano de 1945 ocorre no Alto Egito, na região conhecida como Nag Hammadi, uma importante descoberta arqueológica, que se assemelharia muito a outra ocorrida alguns anos depois na Palestina, nas cavernas de Qumran. Esta segunda descoberta viria a se tornar mais famosa e polêmica e seus achados, milhares de fragmentos de manuscritos antigos, viriam a ser conhecidos como Manuscritos do Mar Morto. A descoberta feita em Nag Hammadi revelou, como em Qumran, uma série de textos de conteúdo religioso e espiritual.

Acredita-se hoje que os textos encontrados em Nag Hammadi foram produzidos ou pertenceram a membros de uma seita herética¹ conhecida de modo geral como gnosticismo². Essa seita teria surgido na região do Alto Egito em meados do século II d.C.. As comunidades relacionadas ao grupo perduraram até o século VI e se espalharam por todo o Império Romano, até em lugares como a Gália³. Era um grupo cristão, que se distanciou do ramo dominante do cristianismo representado pelo que viria posteriormente a se tornar a Igreja Católica Romana. Os gnósticos viriam inclusive a despertar uma reação por parte dos cristãos não-heréticos, reação que se exemplifica na obra de São

¹ É importante que se perceba o quão difícil pode se tornar falar em seita cristã herética dentro do cristianismo primitivo. O catolicismo ainda não tinha identidade formada e unificada, não havia cânon definido e o Bispo de Roma não possuía a autoridade religiosa tão forte como viria a ter futuramente. Esta questão será melhor trabalhada no decorrer do texto.

² James Charlesworth. *Jesus dentro do judaísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. P.91.

³ Herve Masson. *Manual de Herejias*. Madri: Ediciones Rialp, Madri. 1989. P.153. Essa obra não tem grande valor historiográfico, mas ajuda bastante no que diz respeito ao conhecimento de questões teológicas do gnosticismo.



Irineu de Lião⁴ conhecida como *Contra as heresias* (*Adversus haereses*)⁵.

A obra de Irineu de Lião foi originalmente composta em grego entre os anos de 180 e 189, durante os papados de Eleutério (175-189) e Vitor (189-198). A versão em grego se perdeu, restando somente alguns fragmentos citados em outras obras patrísticas; destas restaram duas versões, uma em latim e outra em siríaco. Irineu escreveu a pedido do Papa Eleutério, que começava a se preocupar com o crescimento da fama do gnosticismo. A obra é explicação e constitui uma tentativa de refutação teológica da "falsa gnose"⁶.

Apesar do cunho nitidamente teológico, a obra de Irineu de Lião fornece pistas significativas a respeito de outros aspectos do gnosticismo. O objeto deste trabalho está relacionado a um destes aspectos, o modo como a literatura gnóstica, em especial a apocalíptica, era consumida. Irineu de Lião não cita nomes de textos gnósticos como os encontrados em Nag Hammadi. Não se pode, portanto, associar com segurança estes textos dos quais Irineu de Lião fala, aos textos encontrados em Nag Hammadi. De qualquer maneira ele fala de consumo de literatura gnóstica, o que torna sua obra uma fonte indispensável a este trabalho. Nesse sentido

⁴ A obra de São Irineu faz parte de um gênero de literatura cristã primitiva conhecida como "patrística". Foi a primeira tentativa de explicação mais profunda das Sagradas Escrituras e da tradição cristã primitiva. A literatura patrística é composta de diversos textos de cunho religioso e teológico e foi escrita por diversos padres e bispos durante a Antiguidade tardia. Estes padres e bispos ficaram conhecidos como Santos Padres, dos quais o mais famoso é com certeza Santo Agostinho. A patrística acabou por se constituir como base da teologia cristã. É importante lembrar que a obra de São Irineu de Lião é uma das principais fontes para o estudo do gnosticismo. Para informações mais detalhadas a este respeito ver Julio Treballe Barrera. "A Bíblia e o livro na Antiguidade" in: *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã. Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

⁵ A edição em português é traduzida do latim: Irineu de Lião. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

⁶ "Gnose" é aqui entendida como conhecimento esotérico da divindade. O conceito de gnose será melhor trabalhado adiante.



o trabalho busca analisar estas condições de consumo: se os textos eram lidos individual ou coletivamente, se eram restritos aos membros da comunidade gnóstica (o que é o mais provável) ou se eram difundidos em outros círculos.

Assim sendo, cabe uma análise que se preste a apurar o nível de erudição dos membros da seita ou comunidades, definidas por David Frankfurter como "aquelas comunidades devotadas ao cultivo da gnose do mundo celestial, através dos apocalipses"⁷. Eram todos os seus membros letrados ou só alguns? E no caso de não serem todos letrados, o consumo era oral? Os textos eram consumidos em que línguas?

Tratando especificamente dos textos, é pertinente que eles sejam divididos e identificados em grupos. Charlesworth fala em quatro grupos de textos⁸. A maioria é composta de textos que se acreditam terem sido produzidos pela própria seita, outros estão longe de seu contexto religioso e espiritual. Existem ainda os textos que foram inicialmente identificados como gnósticos, mas depois levantaram-se dúvidas quanto a sua composição, e ainda aqueles que possuem conteúdo religioso e espiritual mas que parecem não ter qualquer tipo de influência cristã⁹. Para este trabalho foram escolhidos e identificados basicamente dois grupos.

Um grupo é composto pelos Evangelhos apócrifos encontrados em Nag Hammadi: como exemplo pode-se citar o *Evangelho de Tomé*, bastante conhecido por ter servido de enredo para um filme de Hollywood¹⁰. Outro grupo é composto por textos apocalípticos. É importante notar que os dois

⁷ David Frankfurter. "The legacy of Jewish apocalypses in Early Christianity: regional trajectories" in: James VanderKam e William Adler (org.). *The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1996. P.130.

⁸ Charlesworth, op.cit. p.91.

⁹ Essa divisão dos textos é proposta por Charlesworth.

¹⁰ O nome do filme é *Stigmata*.



grupos de textos não são necessariamente excludentes entre si no que diz respeito ao gênero literário: os textos evangélicos contêm trechos apocalípticos e ambos os grupos são formas de literatura esotérica e hermética, uma característica fundamental do gnosticismo.

Para procurar responder as perguntas relativas às condições de consumo é necessário analisar o contexto cultural e religioso do local onde surgiu o gnosticismo, o Egito. Trata-se de contexto que, se bem analisado, leva a vestígios de autoridades religiosas esotéricas de diversas origens.

David Frankfurter enfoca o multiculturalismo religioso existente no Egito helenístico¹¹. As formas de conhecimento e sabedoria religiosas e esotéricas eram as mais diversas. Frankfurter destaca as tradições sacerdotais do antigo Egito faraônico, as ressonâncias das mitologias egípcias, a presença dos diversos tipos de judaísmo da Diáspora dos períodos helenístico e romano, bem como as próprias influências culturais helenísticas e romanas¹². Deve-se destacar ainda a presença de círculos e escolas de escribas tanto judaicos como egípcios e as diferenças doutrinárias de observância da *Torah* dentro do próprio judaísmo. Charlesworth também destaca a extrema importância do judaísmo para o entendimento do gnosticismo¹³.

Juntamente com a influência judaico-helenística no Egito, surge a influência da literatura apocalíptica. A apocalíptica no Egito parece ter tomado rumos bastante peculiares, pois a latente característica revelatória e o componente esotérico da apocalíptica judaica assumem no Egito helenístico um papel fundamental. Frankfurter afirma

¹¹ Frankfurter, op.cit. p.142.

¹² Idem, p.142.

¹³ Charlesworth, op.cit. pp.91-94.



que os egípcios tinham uma particular devoção aos textos de cunho revelatório, inclusive os apocalípticos¹⁴.

O multiculturalismo religioso faz da apocalíptica egípcia uma literatura evidentemente interessada tanto nas tradições não-judaicas quanto nativas do Egito. Um exemplo bastante conhecido dessas influências multiculturais na apocalíptica judaica do Egito é o *Testamento de Abraão*. Esse texto faz uso considerável da mitologia egípcia no que diz respeito à vida após a morte¹⁵. Frankfurter ainda comenta a presença de traços e ressonâncias de outras tradições não-judaicas noutros textos como o terceiro livro dos *Oráculos sibilinos*, a *Sabedoria de Salomão* e os escritos de Fílon¹⁶. Irineu de Lião vai além e fala de influências gregas diretas, como por exemplo de Aristófanes e outros poetas cômicos, Hesíodo e os filósofos¹⁷.

Aparentemente faltava um componente para que todos esses elementos de sabedoria, conhecimento esotérico e revelatório se amalgamassem para dar origem a comunidades interessadas no cultivo da gnose. Esse componente parece ter sido proporcionado pelo advento do cristianismo.

Miguel Spinelli fala de "recriação de sentidos" ao tratar da filosofia grega em sua relação com o cristianismo. Enquanto os filósofos cristãos utilizavam-se da filosofia grega e helenística para explicar as verdades fundamentais do cristianismo, no Egito alguns cristãos apropriavam-se do cristianismo para dar corpo, forma e autoridade a uma tradição gnóstica. Nas palavras de Spinelli:

¹⁴ Id. *ibid.*

¹⁵ *Idem*, p.144.

¹⁶ *Id. ibidem.*

¹⁷ Irineu de Lião. *Contra as heresias*. 1.14.1.



*Todos eles se valeram copiosamente da filosofia grega, nela cortejando elementos que lhes pareciam aproveitáveis. Arrogados em mestres e pregadores, eles buscaram na filosofia fundamentos capazes de transforma-los (como disse Orígenes) numa 'elite exercitada para compreender filosoficamente as doutrinas do Cristianismo'. Eles buscaram na filosofia grega os fundamentos pelos quais pudessem por em prática o preceito bíblico que dizia: Iluminai em vós a luz do conhecimento. [...] A tendência portanto, foi sobrepor os princípios da Religião aos da Filosofia [...] Assim resguardados pela racionalidade filosófica, eles passaram a criar métodos de exposição e de sistematização teológica destinados a construir um conjunto ou corpo doutrinário (dotado de autoridade) a serviço da pregação eclesiástica.*¹⁸

A peculiaridade do contexto cultural e religioso egípcio fez com que diversos grupos cristãos explorassem idéias filosóficas a luz de idéias revelatórias e esotéricas. Tais fatores motivaram estes grupos a se apropriarem e desenvolverem "gêneros literários eso - e exotéricos"¹⁹. No caso do gnosticismo parece ter havido uma evidente apropriação de elementos pitagóricos e neo-platônicos²⁰.

Frankfurter chama a atenção para o fato de que "a trajetória do apocalipticismo no Egito envolve em grande medida uma continuidade"²¹, relacionada ao mesmo tempo com o multiculturalismo presente no Egito e com a tradição

¹⁸ Miguel Spinelli. *Helenização e recriação de sentido - a filosofia na época de expansão do Cristianismo - séculos II, III e IV*. Porto Alegre: PUC-RS, 2002. Pp.18-19.

¹⁹ Frankfurter, op.cit. p.143.

²⁰ Masson, op.cit. p.156.

²¹ Frankfurter, op.cit. p.143.



apocalíptica judaica. Nesse sentido, os novos textos que eram compostos e consumidos nos ambientes gnósticos seguiam de certa forma os traços da apocalíptica tradicional. Tanto os apocalipses como os Evangelhos possuíam uma linguagem extremamente hermética. Além do mais havia a questão da pseudonímia: figuras evangélicas como Tomé, Maria e Tiago são utilizados como autores dos textos revelatórios²².

A questão da pseudonímia em si, aliada a textos sagrados diferenciados não é suficiente para caracterizar o gnosticismo como uma heresia. . A Igreja nascente ainda não era institucionalmente unificada, e estava longe de ter um cânon definido. Por isso a existência de textos apócrifos não diferenciava esses grupos gnósticos das demais comunidades cristãs, mesmo porque eram muitos os textos que posteriormente não fariam parte do cânon institucionalizado da Igreja que circulavam nas comunidades e igrejas primitivas. O que de certa forma provocou uma reação por parte do Papa Eleutério com relação ao gnosticismo foi a existência de princípios teológicos equivocados²³ aliados ao modo seletivo como os textos eram consumidos e interpretados.

Os textos bíblicos possuíam autoridade revelatória. Para os gnósticos estas revelações não podiam ser feitas a qualquer um. No dizer de Charlesworth "a salvação só se dá mediante um conhecimento secreto reservado aos escolhidos..."²⁴. Além do mais, existia um vínculo de autoridade entre os apocalipses e seus leitores. Através do consumo dos textos revelatórios o indivíduo adquiria o conhecimento gnóstico.

²² Idem, pp.150-152.

²³ Não é objetivo deste trabalho tratar de questões teológicas em si, trata-se delas na medida e que elas se tornam relevantes para o estudo das condições de consumo da apocalíptica gnóstica.

²⁴ Charlesworth, op.cit. p.94.



Em seu trabalho já citado, Frankfurter utiliza a palavra "gnose" como conceito um pouco mais específico do que o já conhecido, uma seita: ele trata da gnose como uma variedade de apocalipticismo²⁵. Suas considerações reiteram a importância da apocalíptica nesses ambientes gnósticos: chega-se a desenvolver um tipo específico de apocalipticismo, presente nos apocalipses e Evangelhos gnósticos.

Mais do que meras revelações, a apocalíptica gnóstica representa uma espécie de acesso ao mundo celestial. Um acesso restrito a um número seletivo de escolhidos, no caso os membros da seita. O que levava ao homem a salvação era o conhecimento dos segredos revelados pela divindade²⁶ através dos textos: o próprio conhecimento era a salvação²⁷.

Segundo Frankfurter, existia nesse processo revelatório uma relação de mestres e discípulos²⁸. Era feita uma apropriação de figuras evangélicas, que eram entendidas como mestres celestiais. Os mestres, que de certa forma possuíam o conhecimento gnóstico, funcionavam como intermediários entre as figuras celestiais e os discípulos; Irineu de Lião chega a citar alguns nomes de mestres²⁹.

Como vimos esses textos possuíam caráter notadamente esotérico, portanto é de se esperar que não fossem consumidos por qualquer um. É bem provável que os textos fossem consumidos somente pelos membros destas seitas

²⁵ Idem, p.129.

²⁶ É muito complicado falar em Deus no que se refere ao gnosticismo. A teogonia e teologia gnósticas são muito complexas. Dão a impressão de conter traços politeístas, assemelhando-se muitas vezes a teologias e teogonias pagãs e não-cristãs.

²⁷ Charlesworth, op.cit. p.95.

²⁸ Frankfurter, op.cit. p.152.

²⁹ Ele fala de mestres como Marcos e Valentim. *Contra as heresias*. 1.13.1.



gnósticas. Devia haver no entanto um consumo controlado e mediado pela figura de um mestre identificado diretamente com uma figura celestial.

A linguagem hermética dos textos, bem como suas singularidades no que diz respeito aos preceitos teológicos nos fornecem motivos adicionais para acreditar que o seu consumo fosse restrito. O *Evangelho de Tomé* nos fornece uma boa amostra dessa linguagem hermética. Existem *logia*³⁰ que possuem paralelos noutros Evangelhos e textos, canônicos ou apócrifos. Existem porém *logia* que não possuem qualquer tipo de paralelo ou dizer similar em qualquer outro evangelho ou texto conhecido. Estes *logia* sem paralelo nos fornecem mais uma pista do caráter hermético do consumo desses textos. Um exemplo:

Disse Jesus:

*Miserável o corpo que depende de outro corpo. E miserável a alma que depende destes dois*³¹.

Os textos encontrados em Nag Hammadi estavam escritos em cóptico, mas Charlesworth levanta a possibilidade deles terem sido compostos e terem circulado em ambientes gnósticos noutras línguas. Alguns dos textos podem ter sido compostos originalmente numa língua semítica, sendo posteriormente traduzidos para o grego e finalmente para o cóptico³². Tendo em vista essa diversidade lingüística, é de se esperar que pelo menos alguns dos membros das

³⁰ O *Evangelho de Tomé* apresenta-se de modo bastante peculiar se relacionado aos Evangelhos sinóticos e até mesmo ao de São João: ele não contém relatos de milagres ou da paixão de Cristo. É um conjunto de dizeres e palavras de Cristo. Os *logia* são exatamente esses dizeres. Cada *logion* corresponde a um dito de Cristo.

³¹ O *Evangelho de Tomé*. Petrópolis: Vozes, 1997. *Logion* 87. P.176.

³² Charlesworth, op.cit. p.94.



comunidades possuíssem um certo nível de erudição, capaz de lidar com textos presentes em três línguas.

O filósofo e historiador Luciano Canfora discorre em uma de suas obras sobre questões de consumo de literatura na Antiguidade³³. Ele trata de histórias relativas à famosa biblioteca de Alexandria, permeando algumas questões relativas ao consumo de livros. Existem notícias de grandes volumes de textos da Antiguidade que provavelmente se perderam para sempre, a própria biblioteca de Alexandria é um bom exemplo disso. O universo helenístico era repleto de bibliotecas, mas o consumo dos textos era privilégio de poucos, somente um grupo seleto de letrados tomava contato com os textos diretamente³⁴. Da mesma maneira é de se esperar que poucos eram aqueles que tomavam contato direto com os textos gnósticos.

Mas se o consumo direto, através da leitura, era privilégio de poucos, o consumo oral era provavelmente bem mais difundido. Segundo Irineu de Lião não seriam necessários muitos discursos para refutar uma doutrina que havia se tornado amplamente conhecida³⁵. Ele diz haver recolhido escritos dos gnósticos, chegando inclusive a nomear um texto de pretensão *Evangelho de Judas*³⁶.

Portanto, se por um lado o consumo direto dos textos era restrito, por outro a difusão oral dos mesmos parecia ser bem mais ampla. Isto explica o fato da doutrina gnóstica ser conhecida em grande parte do Mediterrâneo, chegando inclusive a gerar uma reação por parte do Bispo de

³³ Luciano Canfora. *A biblioteca desaparecida - histórias da biblioteca de Alexandria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁴ Canfora, op.cit. pp.74-77.

³⁵ *Contra as heresias*. 1.31.4.

³⁶ Idem, 1.31.1.



Roma, exemplificada na obra de Irineu de Lião, que parecia conhecer, e muito bem, a doutrina e teologia gnóstica.

Irineu de Lião oferece ainda muitas pistas sobre o consumo indireto dos textos e comentários dos textos gnósticos, estes últimos atribuídos aos já citados mestres e não às figuras celestiais. Frankfurter oferece uma boa síntese destas pistas ao comentar este trecho do *Evangelho de Tiago*:

Desde que você pediu que eu mandasse um livro secreto que havia sido revelado a mim e a Pedro pelo Senhor, eu não pude voltar atrás ou recusar; mas [eu havia escrito] no alfabeto hebraico e mandado sozinho para você. Mas sendo você um ministro da salvação dos santos, esforce-se e tome cuidado para não divulgar demais este texto - este que o Salvador não desejava contar a todos nós, seus doze discípulos. Mas abençoados serão aqueles que serão salvos pela fé deste discurso.

Eu também te mandei, há dez meses atrás, um outro livro secreto que o Salvador revelou a mim³⁷.

Este trecho introdutório é uma mostra do que Frankfurter chama de "atividade missionária". Missionários gnósticos apropriavam-se da autoridade celestial atribuída a estes livros para ministrar a salvação aos escolhidos. Esse tipo de transmissão oral devia ocorrer em diversas cidades. Irineu de Lião também fala de pregadores e missionários espalhados por todo o Império propagando oralmente a "ímpia doutrina"³⁸.

³⁷ *Evangelho de Tiago* 1.8-32. cit. por Frankfurter, op.cit. p.153.

³⁸ *Contra as heresias*. 1.13.1.



São poucas as considerações que podem ser feitas com segurança em relação ao consumo da apocalíptica gnóstica. Este trabalho procurou fazê-lo levando em conta algumas fontes importantes. O gnosticismo, mais do que uma seita messiânica ou apocalíptica, foi uma heresia que povoou diversas partes do Mediterrâneo, deixando um legado de textos que revelam um pouco do que poderia significar o apocalipticismo para os primeiros cristãos.